

A gramática do ensaio biográfico fronteiriço¹

La gramática del ensayo biográfico de la frontera

The grammar of the frontier biographical essay

Francine Carla de Salles Cunha Rojas²

Edgar César Nolasco³

Resumo

O presente trabalho visa discutir conceitualmente o ensaio biográfico fronteiriço na esteira da crítica biográfica fronteiriça. Nesse sentido, a discussão centra-se nas experiências atravessadas pela modernidade / colonialidade que emergem dos e respondem aos legados coloniais (MIGNOLO, 2003) e nas feridas coloniais ainda abertas (ANZALDÚA, 1987) que surgem como consequência dessa experiência. Desse modo, a discussão volta-se para os conceitos de *bios*, ferida aberta, *paradigma outro* e epistemologia fronteiriça, uma vez que auxiliam a traduzir teoricamente a experiência do ser / estar na / sentir a exterioridade criada pela modernidade / colonialidade. A fim de alcançar tal objetivo, soma-se à experiência da colonialidade em um lócus específico, Brasil, o contexto histórico-político-cultural. Dado que a bibliografia consultada será composta de livros, capítulos e artigos atravessados pela teorização descolonial, alguns dos autores consultados serão Boaventura de Sousa Santos (2019), Glória Anzaldúa (1987, 2000), Edgar César Nolasco (2018) e Walter Mignolo (2003, 2009, 2017a, 2017b, 2020).

Palavras-Chave: Ensaio biográfico; Epistemologia fronteiriça; Ferida colonial; Nós histórico-estruturais; Paradigma outro.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo discutir conceptualmente el ensayo biográfico fronterizo a raíz de la crítica biográfica fronteriza. En este sentido, la discusión se centra en las experiencias atravesadas por la modernidad / colonialidad que surgen y responden a los legados coloniales (MIGNOLO, 2003) y en las heridas coloniales aún abiertas (ANZALDÚA, 1987) que surgen como resultado de esta experiencia. Así, la discusión gira hacia los conceptos de bios, herida abierta, otro paradigma y epistemología de frontera, ya que ayudan a traducir teóricamente la experiencia de ser / estar en / sentir la exterioridad creada por la modernidad / colonialidad. Para lograr este objetivo, se suma al contexto histórico-político-cultural la experiencia de la colonialidad en un locus específico, Brasil. Dado que la bibliografía consultada estará formada por libros, capítulos y artículos atravesados por la teorización descolonial, algunos de los autores consultados serán Boaventura de Sousa Santos (2019), Glória Anzaldúa (1987, 2000), Edgar César Nolasco (2018) y Walter Mignolo (2003, 2009, 2017a, 2017b, 2020).

Palabras claves: Ensayo biográfico; Epistemología fronteriza; Herida colonial; Nodos histórico-estructurales; Otro paradigma.

Abstract

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

² Doutoranda; PPGEL / UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul e Brasil; lucia_jbc@hotmail.com.

³ Doutor, PPGEL / UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul e Brasil; ecnolasco@uol.com.br.

The present work aims to discuss conceptually the frontier biographical essay in the wake of frontier biographical criticism. In this sense, the discussion focuses on the experiences crossed by modernity / coloniality that emerge from and respond to colonial legacies (MIGNOLO, 2003) and on the colonial wounds still open (ANZALDÚA, 1987) that arise as a result of this experience. Thus, the discussion turns to the concepts of bios, open wound, other paradigm and border epistemology, since they help to theoretically translate the experience of being / being in / feeling the exteriority created by modernity / coloniality. In order to achieve this goal, the experience of coloniality in a specific locus, Brazil, is added to the historical-political-cultural context. Given that the consulted bibliography will consist of books, chapters and articles crossed by decolonial theorization, some of the consulted authors will be Boaventura de Sousa Santos (2019), Glória Anzaldúa (1987, 2000), Edgar Cézár Nolasco (2018) and Walter Mignolo (2003, 2009, 2017a, 2017b, 2020).

Keywords: Biographical essay; Border epistemology; Colonial wound; Historical-structural nodes; Another paradigm.

1. Considerações iniciais acerca do ensaio biográfico fronteiriço

[...] a teoria está onde se pode encontrá-la. Não existe local geográfico ou epistemológico que detenha os direitos de propriedade sobre práticas teóricas, mas apenas o “local filosófico” (MIGNOLO, 2003, p.158).

Este artigo objetiva discutir conceitualmente o ensaio biográfico fronteiriço a partir da teorização descolonial e da crítica biográfica fronteiriça, através, majoritariamente, de conceitos pensados por intelectuais latinos, tanto aqueles que ensinam e pensam no exterior quanto aqueles que vivem nos países que compõem a região geográfica. Para tanto, a delimitação volta-se para os textos e conceitos nos quais o processo de teorização emerge das experiências do ser/estar/sentir a exterioridade criada pela retórica da modernidade/colonialidade. Nesse sentido, a afirmação de Walter Mignolo, em *Histórias locais/projetos globais* (2003), acerca do pensamento teórico e do lócus filosófico, assinala o potencial teórico do conhecimento e dissolve a concepção de que a prática teórica é propriedade de determinados lugares capacitados para o seu desenvolvimento. A carência de estudos, em nível de pós-graduação, acerca do ensaio biográfico fronteiriço justifica a necessidade de se realizar discussões críticas acerca do tema. Soma-se a esse fato a emergência das teorizações descoloniais, que despontam significativamente no contexto em que as atenções se voltam para discutir temas pertinentes às chamadas minorias (étnicas, sexuais, religiosas, epistêmicas, estéticas). No Brasil, faz-se relevante a discussão por um terceiro motivo, pois se percebe a ascensão de um contexto autoritário no âmbito político e cultural, fenômeno assinalado por Lilia Moritz Schwarcz em *Sobre o autoritarismo brasileiro* (2019):

Já a emergência dessa nova onda de governos conservadores, que inundaram a política contemporânea, não se limita a retornar ao passado, nem funciona como mera reencarnação dos fascismos e populismos perdidos na história da primeira metade do século XX. O certo é que se trata de fenômeno tão moderno como complexo. Os

populismos de agora abusam das novas formas de comunicação virtual com a justificativa de que não precisam de intermediários para se dirigirem ao povo; não têm nenhum escrúpulo em manipular e explorar *fake news* como se fossem verdades comprovadas; vendem para si uma imagem de lisura e correção na gestão do governo, tratando de obliterar seus próprios maus exemplos; acusam os demais de corrupção, não estando eles distantes dessa prática; se autodenominam como “novos” quando estão faz tempo na política e vivem dela; abusam de mensagens moralistas apoiando-se fortemente em conceitos como religião, família e nação. (SCHWARCZ, 2019, p.228).

O fato explicitado por Lilia Schwarcz contextualiza as circunstâncias a partir das quais se desenvolve esse texto, isso porque, apesar da origem política, é perceptível que tal autoritarismo representa uma ferida colonial (MIGNOLO, 2017) que se manifesta na cultura e na educação também, com especial repercussão nas universidades públicas (através de ações como corte de bolsa, que subsidiam as atividades acadêmicas e de pesquisa, e o fomento de uma guerra cultural cujo inimigo, o outro, é criado para justificar uma série de ações repressivas que visam eliminar o diferente/a oposição). Diante disso, a discussão conceitual em torno do ensaio biográfico fronteiriço assume a consciência de que é necessário e fundamental desenvolver resposta que não seja somente a tradução de uma revolta em particular, mas que firme o compromisso ético-teórico em construir uma resposta epistêmica descolonial ao legado colonial supracitado e aos outros que serão mencionados. Em *O fim do império cognitivo* (2019), Boaventura de Sousa Santos igualmente ressalta a eclosão de legados coloniais que subsidiam formas de desigualdades e discriminações ao afirmar que:

Vivemos num período no qual *as mais repugnantes formas de desigualdade e de discriminação estão se tornando politicamente aceitáveis*. As forças sociais e políticas que costumavam desafiar esse estado de coisas em nome de alternativas políticas e sociais estão, aparentemente, perdendo a força e, de um modo geral, parecem estar, em todo caso, na defensiva. (SANTOS, 2019, p.07, grifo meu).

Desse modo, objetiva-se responder aos acontecimentos elencados a nível epistêmico, pois como se vê a modernidade/colonialidade se faz presente nos campos epistemológico, cultural, político e educacional. Além disso, é necessário construir, desde já, novas possibilidades no horizonte crítico brasileiro e a possibilidade escolhida a ser desenvolvida é o ensaio biográfico fronteiriço. Tal escolha, somente se torna possível, pois está comprometida em pensar crítica e teoricamente um momento que é descrito por Lilia Schwarcz como “[...] um período de recessão democrática, de cisão social em torno de questões comportamentais, terreno fértil para que velhas feridas históricas sejam mobilizadas por políticos que, de forma oportunista, pretendem ter saudades de um tempo que não volta mais [...]” (SCHWARCZ, 2019, p.236). As velhas feridas históricas que retornam são pensadas pelo ensaio de modo que

o texto reflita o contexto em que é desenvolvido, a fim de desaprender as lições emanadas pela modernidade/colonialidade.

2. O paradigma *outro*

Discorrer acerca do ensaio biográfico fronteiriço justifica-se pela constatação da inexistência de estudos sobre o assunto, visto que a consulta realizada no site do catálogo de teses e de dissertações da Capes, a partir dos termos, “ensaio biográfico” e “ensaio biográfico fronteiriço” mostram que, em relação ao primeiro termo, abundam teses que tratam da biografia de intelectuais em geral, contudo, no que concerne ao segundo termo, constatou-se a ausência de pesquisas. Tal carência diagnostica a exterioridade de pesquisas que se voltam para uma discussão conceitual de cunho biográfico-fronteiriço a partir do lócus enunciativo descolonial e de um lócus geográfico e epistemologicamente fronteiriço.

Nesse sentido, em *Aqui América Latina: uma especulação* (2013), ao evidenciar a relação entre a prática teórica e o lócus geográfico, Josefina Ludmer ressalta que as teorizações desenvolvidas a partir desse lócus são práticas teóricas que emergem de legados coloniais, de acordo com a autora: “Pensar territorialmente hoje, com os afetos (especular em territórioafeto), é ver alguns conflitos centrais na América latina. Ver os mapas e as linhas traçadas pelo capitalismo, pelo trafico, pelas máfias e pelas políticas de morte” (LUDMER, 2013, p.112).

Diante disso, erige-se uma discussão conceitual acerca do ensaio biográfico fronteiriço justamente para se defrontar com os legados coloniais vigentes, os quais são consequências da retórica da modernidade/colonialidade e que, em contexto brasileiro, são perceptíveis quando se percebe que por trás de discursos voltados para o retorno de um passado que, como pontuou Lilia Schwarcz, não volta mais e que, em parte, jamais existiu, para a reafirmação de determinados comportamentos tidos como padrões na religião, na educação, na nação e na família, enfim, quando se entende que aquilo que sustenta discursos que atacam minorias é o legado colonial criam-se condições para a construção de respostas a tais legados. Desse modo, a resposta a ser construída a fim de desnaturalizar (SCHWARCZ, 2019) e descolonizar (MIGNOLO, 2017) tais legados e feridas abertas/coloniais, o ensaio biográfico fronteiriço, opera de acordo com quatro eixos representados no título “Ensaio biográfico fronteiriço: a gramática de um paradigma outro” são eles a ideia de uma gramática (MIGNOLO, 2017; NOLASCO, 2019) que organiza o ensaio biográfico, o *bios* (ANZALDÚA, 2000, 2005; NOLASCO, 2018), a epistemologia fronteiriça (ANZALDÚA, 2005; MIGNOLO e

TLOSTANOVA, 2009), e a proposta de um paradigma *outra* (MIGNOLO, 2003). Outras questões essenciais são as noções de ferida aberta, nós histórico-estruturais, a necessidade de se pensar a relação da crítica brasileira com a teorização descolonial e a complexidade do compromisso ético-teórico em traduzir a revolta com a retórica de modernidade/colonialidade tornada mais visível.

Para que a discussão conceitual acerca do ensaio se desenvolva, a perspectiva teórica é constituída pela crítica biográfica fronteiriça. Vale mencionar que a crítica biográfica que embasará a tese não se refere ao aporte teórico utilizado a exatidão no século XIX, que propunha uma leitura psicologizante do texto literário, mas trata-se de uma abordagem que emerge da descolonialidade ao teorizar a partir do “[...] grito do sujeito [...], das vidas que gritam através do sujeito, as miséria a que foram levadas por anos de colonialismo e, ultimamente, de civilização neoliberal” (MIGNOLO, 2003, p.19-20).

Por meio de tal aporte teórico, os nós histórico-estruturais, que descrevem a matriz da modernidade/colonialidade, são desatados. No artigo “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade” (2017), Walter Mignolo enumera 12 nós histórico-estruturais que consistem nos “[...] níveis em que a lógica da colonialidade opera” (MIGNOLO, 2017, p.09). Contudo, a atenção se volta para quatro nós específicos, são eles os de número 6, 10, 11 e 12, tal escolha justifica-se visto que, no contexto a partir do qual o texto se erige, o Brasil em meio a “convulsões” históricas, políticas, culturais e educacionais, percebe-se mais claramente a presença e as consequências de tais estruturas, soma-se a essa percepção o *bios* da pesquisadora. Em sequência, os quatro nós histórico-estruturais são, respectivamente, hierarquia de gênero/sexo global, hierarquia epistêmica, hierarquia linguística e a específica concepção de sujeito moderno. Em relação ao sexto nó, Walter Mignolo comenta:

Uma hierarquia de gênero/sexo global que privilegiava homens em detrimento de mulheres e o patriarcado europeu em detrimento de outras formas de configuração de gênero e de relações sexuais [...]. Um sistema que impôs o conceito de ‘mulher’ para reorganizar as relações de gênero/sexo nas colônias europeias, efetivamente introduzindo regulamentos para relações ‘normais’ entre os sexos, e as distinções hierárquicas entre ‘homem’ e a ‘mulher’ [...]. (MIGNOLO, 2017, p.11).

A presença desse nó histórico-estrutural ampara-se no *bios* da pesquisadora e na percepção de sua presença em discursos autoritários em voga no Brasil emitidos por pessoas que ocupam posições, muitas vezes elevadas, na política, muito embora tal fenômeno também seja replicado por pessoas comuns, trabalhadores do dia a dia. O mal-estar sentido necessita ser

traduzido na escrita e encontra na teorização do ensaio biográfico fronteiriço o meio que pensa e desarticula esse nó. No texto “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” (2000), Glória Anzaldúa propõe uma postura crítica que endossa a necessidade de falar a partir do *bios*, para a autora chicana:

Sua pele dever ser sensível o suficiente para o beijo mais suave e dura o bastante para protegê-la do desdém. Se for cuspir na cara do mundo, tenha certeza de estar de costas para o vento. Escreva sobre o que mais nos liga à vida, a sensação do corpo, a imagem vista, a expansão da psique em tranquilidade: momentos de alta intensidade, seus movimentos, sons, pensamentos. Mesmo se estivermos famintas, não somos pobres de experiência. (ANZALDÚA, 1987, p.235, grifo meu).

Ao afirmar que não somos pobres de experiência, Glória Anzaldúa percebe o corpo e a vivência das mulheres latinas como matrizes epistêmicas pluriversais e possibilita que a teorização relacione a discussão engendrada à realidade da qual emerge. Dada a relevância de se pensar a partir da questão do gênero/sexo e do corpo feminino, entende-se que para a escrita ensaísta biográfica fronteiriça “Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles. O medo age como um ímã, ele atrai os demônios para fora da tinta de nossas canetas” (ANZALDÚA, 2000, p.234).

As circunstâncias percebidas em torno dos discursos acerca da hierarquia de gênero/sexo requerem reflexão também a partir de um contexto mais abrangente, isto é, a relação de tal hierarquia com a realidade da região latino-americana. Sobre o assunto, os apontamentos de Silviano Santiago, na esteira da obra de Octavio Paz, *Labirinto da solidão* (1950), são relevantes para o projeto, pois o crítico perceba na mulher latina a lição aos grandes interpretes da latino-americanidade. Para Santiago:

Por a mulher ter passado séculos como teoricamente inexistente no universo masculinizado das interpretações canônicas da América Latina, não seria ela hoje – e em particular entre os que comungam os princípios do movimento surrealista – a expressão privilegiada da sinceridade e da autenticidade humanas? Não é ela que se entrega ao prazer e aos sentimentos nobres, à vida sexual e amorosa, à Vida, se entrega sem disfarces e sem segundas intenções, com franqueza? Desprezada a hierarquização de gênero típica do mundo patriarcal, não representaria ela “o” ser latino-americano ou mexicano sincero e autêntico, que há muito deveria ter dado lição aos grandes intérpretes da latino-americanidade? (SANTIAGO, 2006, p.149-150).

Entrelaçada à hierarquia de gênero/sexo global, o ensaio se detém também em uma outra hierarquia, a epistêmica. A relação a ser incorporada e desenvolvida na tese entre a hierarquia epistêmica e a de gênero/sexo global reside na marginalização de teorias concebidas por intelectuais mulheres. Nesse contexto, Walter Mignolo comenta sobre o assunto que

Uma hierarquia epistêmica que privilegiava o conhecimento e a cosmologia ocidentais em detrimento dos conhecimentos e das cosmologias não ocidentais foi institucionalizada no sistema universitário global, nas editoras e na Encyclopedia Britannica, tanto no papel quanto na internet [...] (MIGNOLO, 2017, p.11).

A relação entre a hierarquia de gênero/sexo global com a hierarquização epistêmica é da ordem da marginalização de conhecimentos que não endossam o pensamento europeu (ou norte-americano-branco-hetero-patriarcal). Dessa forma, o ensaio biográfico fronteiriço desponta como uma resposta a subalternização de conhecimentos e, concomitantemente, como uma prática teórica outra (MIGNOLO, 2003).

Correlata à marginalização epistêmica, a hierarquia linguística possui especial relevância haja vista o contexto geográfico. Sendo o Brasil o único país, na América do Sul, que fala português em uma região cujo idioma predominante é o espanhol, torna-se, por conseguinte, necessário pensar a questão das hierarquias de línguas e o papel que desempenha no mundo concebido pela modernidade/colonialidade. Walter Mignolo explica que:

Uma hierarquia linguística, entre as línguas europeias e as línguas não europeias, privilegiava a comunicação e a produção do conhecimento teórico nas línguas europeias subalternizava as línguas não europeias como apenas produtoras de folclore ou cultura, mas não de conhecimento/teoria [...] (MIGNOLO, 2017, p.11).

Aprofundando mais acerca do papel das hierarquias linguísticas dentro do projeto, Walter Mignolo reconhece em “Desafios decoloniais hoje” (2017) que tanto o espanhol quanto o português praticados na América do Sul, ainda que façam parte das seis línguas imperiais (espanhol, português, inglês, italiano, alemão, francês) diferenciam-se, visto que “[...] os corpos que as falam habitam memórias diferentes, e, sobretudo, diferentes concepções e ‘sensibilidade’ de mundo” (MIGNOLO, 2017, p. 20). O último elo/nó dessa corrente que compõe a estratégia de sobrevivência da modernidade/colonialidade, endossa e evidencia ainda mais os outros três nós anteriores, pois a convergência desses corroboram a concepção de que os que pertencem a “categoria” de humanos/humanidade são aqueles sujeitos que habitam a modernidade/colonialidade como suas moradas, para o crítico argentino “Uma concepção particular do “sujeito moderno”, uma ideia do homem, introduzida no Renascimento europeu, se tornou modelo para o humano e para a humanidade, e o ponto de referência para a classificação racial e o racismo global [...]” (MIGNOLO, 2017, p.11-12).

O conceito de sujeito moderno, sob o respaldo de um dado entendimento de humano, realça os três nós mencionados anteriormente, posto que foi a partir desse entendimento de humanidade que a exterioridade foi criada para reforçar uma identidade e, por conseguinte, a

exclusão de qualquer outro que destoasse desse preceito ocorresse. Como mencionado anteriormente, a proposta do ensaio biográfico fronteiriço organiza-se de acordo com quatro eixos, que contemplam os nós histórico-estruturais apresentados. Torna-se necessário desenvolver tais eixos e, conforme o desenvolvimento, mencionar alguns conceitos caros à reflexão. O primeiro dos quatro eixos refere-se à ideia de gramática que organiza o ensaio biográfico.

No artigo “Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul: exterioridade” (2019), Edgar César Nolasco propõe discutir conceitualmente uma gramática pedagógica da exterioridade (NOLASCO, 2019) tendo por base a escrita memorialística de Silviano Santiago atravessada pela teorização descolonial e a crítica biográfica fronteiriça. O crítico sul-mato-grossense explica que a proposta de desenvolver tal gramática emerge de uma epistemologia da exterioridade regida por um método específico (NOLASCO, 2019), isto é, regida pelo aprender a desaprender. Nas palavras do crítico “[...] uma gramática expositiva do chão, ou uma gramática expositiva da fronteira enseja o ensino, a aprendizagem de uma gramática pedagógica da fronteira-sul [...]”⁴. Na esteira do autor, a ideia de gramática do ensaio biográfico fronteiriço atuará como uma prática que visa discutir os elementos que compõem o ensaio biográfico.

O segundo eixo diz respeito à inscrição do *bios* no ensaio biográfico fronteiriço e, nesse sentido, deve ser reafirmada algumas questões outrora tratadas. A teorização que engendrará o ensaio biográfico torna-se possível quando se vislumbra no contexto a partir do qual se fala a presença, física e teórica, dos nós histórico-estruturais. A partir dessa percepção o ensaio assume o compromisso teórico e político de pensar as consequências da modernidade/colonialidade. Endossa a necessidade e a relevância do *bios* para o discurso crítico, os apontamentos efetuados por Edgar César Nolasco em “Descolonizando a pesquisa acadêmica” (2018) quando discorre que

É, mais do que preciso, é necessário a inscrição do corpo e do compromisso teórico, político mesmo desse pesquisador. E tal presença se daria por meio da inscrição de seu bios e de seu lócus ancorando seu lócus enunciativo, mais sua consciência fronteiriça, cujo olhar lançado emerge, sempre, da exterioridade e, nunca, da interioridade, isto é, de dentro do modo, ou sistema de pensar moderno que ainda impera dentro das academias e das disciplinas (NOLASCO, 2019, p.12-13).

⁴ NOLASCO, Edgar C. Por uma gramática pedagógica da fronteira-Sul: exterioridades. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9688>>. Acesso em: 01 jan. de 2020, p. 11.

No mesmo texto o crítico assinala a emergência de se falar *no* e *a partir do bios* e do corpo ao afirmar que “Precisamos aprender a falar do bios e do corpo, afinal uma pesquisa tem alma” (NOLASCO, 2019, p.19). Isto é, teorizar quando se percebe a presença da modernidade/colonialidade por meio de discursos autoritários (sejam eles sobre o corpo, a mulher, as línguas não imperiais e a hierarquia epistêmica) endossa uma prática crítica e política descolonial, que opta pela vida e pelo que Walter Mignolo denominou de diversalidade (MIGNOLO, 2008). Vale mencionar que desenvolver a teorização descolonial envolve igual processo de desenvolvimento do que bell hooks chama de consciência crítica (hooks, 2019). Em *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019), hooks reflete sobre o desenvolvimento da consciência crítica e explica que o conceito

É o processo pelo qual *deixamos de nos ver como objetos para agir como sujeitos*. Quando mulheres e homens compreendem que o trabalho de acabar com a dominação patriarcal é uma luta enraizada no desejo de fazer um mundo onde todas as pessoas possam viver de forma completa e livre, então sabemos que nosso trabalho é um gesto de amor (HOOKS, 2019, p.71, grifo meu).

Desenvolver tal noção como prática descolonial requer uma prática *outra* correlata, isto é, para descolonizar (MIGNOLO, 2003) ou desnaturalizar (SCHWARCZ, 2019) os nós histórico-estruturais é necessário, sobretudo, da parte da pesquisadora a consciência de que “[...] precisamos enfrentar o opressor em potencial dentro de nós – precisamos resgatar a vítima em potencial dentro de nós. Caso contrário, não podemos ter esperança de liberdade, de ver o fim da dominação” (HOOKS, 2019, p.60).

Em relação ao segundo eixo, a epistemologia fronteiriça, ressalta que a teorização engendrada se concebe enquanto um saber que, justamente por responder aos legados coloniais, não endossa, no horizonte crítico, tais legados (nós histórico-estruturais). Vale mencionar que a questão da epistemologia fronteiriça é atravessada por um duplo entendimento de fronteira, epistemológico (saberes outros em face às teorias e saberes hegemônicos) e geográfico (tríplice fronteira Brasil/Paraguai/Bolívia). Ao entender que a teorização que engendra o ensaio biográfico emerge desse contexto, evidencia-se a relação entre o pensamento fronteiriço e a teorização descolonial, pois segundo Walter Mignolo: “[...] o pensamento fronteiriço é a singularidade epistêmica de qualquer projeto decolonial. Por quê? Porque a epistemologia fronteiriça é a epistemologia do *anthropos* que não quer se submeter à *humanitas*, ainda que ao mesmo tempo não possa evitá-la” (MIGNOLO, 2017, p.16).

Os quatro nós histórico-estruturais elencados a partir do apontamento feito por Walter Mignolo encontram em *Borderlands/la frontera: la nueva mestiza*, da crítica chicana Glória Anzaldúa, um outro paralelo. No livro, Anzaldúa trata da fronteira entre os Estados Unidos e o México como uma ferida aberta, para a autora chicana a fronteira representa “[...] uma ferida aberta onde o Terceiro Mundo se arranha contra o Primeiro Mundo e sangra. E antes que se forma a casca, volta a hemorragia, a seiva vital de dois mundos que se funde para formar um terceiro país, uma cultura de fronteira.” (ANZALDÚA, 2005, p.42). Diante disso, as hierarquias mencionadas (gênero/sexo, epistêmica, linguística e conceito de humano/humanidade) são entendidas como feridas e a teorização descolonial aqui proposta teoriza a partir dessas condições, pois, sobretudo, trata-se de um compromisso político-ético com o pensamento *outro*.

O último eixo, o paradigma *outro*, contempla a ideia de acordo com a qual o ensaio biográfico fronteiriço é um saber *outro* que se constitui a partir do diálogo efetuado com a modernidade/colonialidade e que, portanto, pensa os legados coloniais de forma crítica, não os reproduzindo na sua teorização. No prefácio para a edição espanhola de *Histórias locais/projetos globais* (2003), denominado “Um paradigma *otro*: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico”, Walter Mignolo comenta que “Chamo <<paradigma *otro*>> a diversidade (e diversalidade) de formas críticas de pensamento analítico e de projetos futuros assentados nas histórias e experiências marcadas pela colonialidade [...]” (MIGNOLO, 2002, p.20, tradução minha). Dessa forma, a teorização do ensaio biográfico fronteiriço consiste no desenvolvimento de uma prática epistêmica *outra* que, ao ser concebida no contexto histórico-político-cultural-educacional brasileiro, assume o compromisso teórico e político de descolonizar os legados coloniais mencionados vigentes.

Referências

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*, v.8, n.1, 2000, 229-236. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>>. Acesso em 01 jan. 2020.

ANZALDÚA, Glória. *Borderlands/la frontera: la nueva mestiza*. Trad. Carmen Valle. Madrid: Capitán Swing, 2005.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. 1 ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020. 482 p. (Humanitas).

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>>. Acesso em 01 jan. 2020.

MIGNOLO, Walter D. Desafios decoloniais hoje. *Revista Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v.1, n.1, p. 12-32, 2017. Disponível em:<<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772/645>>. Acesso em 01 jan. 2020.

MIGNOLO, Walter. Prefacio a la edición castellana: “Un paradigma otro”: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico. AKAL, 2002. Disponível em:<<https://pt.scribd.com/document/355686434/11-Mignolo-Un-Paradigma-Otro>>. Acesso em 01 jan. 2020.

NOLASCO, Edgar C. Descolonizando a pesquisa acadêmica. Disponível em:<<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725>>. Acesso 02 jan. 2020.

NOLASCO, Edgar C. Por uma gramática pedagógica da fronteira-Sul: exterioridades. Disponível em:< <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9688> >. Acesso em: 01 jan. de 2020.

SANTOS, Boaventura de S. *O fim do império cognitivo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

SCHWARCZ, Lilia M. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.